

Reflexões

Padre Nicolás Schwizer

Nº 152 – 01 de janeiro de 2014

Frutos de 20 de janeiro

O Padre Kentenich, fundador do Movimento Apostólico de Schoenstatt, estando na prisão foi declarado apto para ir ao campo de concentração de Dachau. Teve a possibilidade de se salvar se pedia um novo exame médico. E em 20 de janeiro, toma a decisão de não aproveitar essa possibilidade e ir livremente para Dachau. Esta decisão trouxe uma fecundidade imensa. Dos muitos frutos quero citar apenas dois: a liberdade interior e a solidariedade de destinos.

1. Liberdade Interior. Schoenstatt começou seu caminho pela história como movimento de liberdade. Uma época marcante nessa luta da Família pela liberdade é o tempo da prisão e de Dachau. O Padre Kentenich conta, depois de sua volta: *O desejo pela liberdade exterior estava em mim totalmente apagado, por amor à Família. A meta de conseguir para ela a verdadeira liberdade interior tornou fácil para eu levar as correntes exteriores. Esta liberdade interior quis assegurar para a Família para todos os tempos. E por isso Deus me deu essa liberdade interior num grau tão extraordinário, sai tão são, física e psicologicamente, do campo de concentração.*

Escreve numa de suas cartas: *“Eu estou preso por vocês; com a entrega de minha liberdade exterior estou pagando a liberdade interior de vocês; e vocês terão que pagar minha liberação exterior com sua liberdade interior, quer dizer, lutando por torna-se homens interiormente livres, dispostos a aceitar tudo o que Deus quiser em qualquer momento”.*

O 20/01 e todo o tempo de Dachau é um triunfo da liberdade, da liberdade interior sobre as forças do mal: a entrega total do coração ao plano divino, a vontade do Pai, também e principalmente em meio a cruz, e apesar de uma falta de liberdade exterior. Alcançar a verdadeira liberdade ficou, desde então, como alto ideal para todos os tempos de nossa história de família de Schoenstatt.

2. Solidariedade de destinos. Aclara o Padre Kentenich: *“Havemos de compreender a decisão (de 20/01) pela estreita comunidade de destinos dos membros de nossa Família”.*

A Aliança em Schoenstatt não é apenas entre Maria e nós, mas também uma aliança mútua entre o Fundador e seus filhos e dos filhos entre si. Fruto disso é uma dupla solidariedade: uma solidariedade paterno-filial e uma solidariedade fraternal.

2.1. Solidariedade paterno-filial entre o Padre Kentenich e seus Filhos. Diz em uma de suas cartas desde a prisão: *“Eu não sou apenas um chefe, sou pai. Deus quis que fosse pai e de mim dependem os demais. Eu hei de pagar o preço pela Família, porque a Família depende de mim, porque eu sou sua cabeça; eles são como meus membros e eu me arrisco e me entrego por eles como cabeça...”.*

E a Família percebe que o Fundador é realmente seu PAI, que dá a vida por sua Família. E essa experiência do amor paternal desperta em seus filhos um forte amor filial por ele, uma união indissolúvel, fiel, solidária. É assim como Schoenstatt se faz realmente FAMÍLIA.

E é assim como se inicia uma extraordinária irrupção de graças. Mas a experimentam apenas aqueles que levaram a cruz com ele.

2.2. Solidariedade fraternal. Ademais, a Família toma consciência da dependência mútua dos irmãos. E surge como fruto uma fraternidade forte, de uma grande fidelidade e solidariedade com o outro. Começa a tornar-se realidade a comunidade de corações na qual um acolhe o outro fraternalmente e lhe dá um lugar privilegiado em seu próprio coração. Esta realidade começa a tomar força na Família a partir de 20/01/42.

Queridos irmãos, creio que o 20 de janeiro deve ser não apenas uma lembrança, mas também uma renovação do mistério daquele dia. É um convite a cada um de nós para examinar: sua atitude frente à cruz, sua liberdade interior, sua atitude filial diante do Padre Kentenich, sua solidariedade fraternal.

Perguntas para a reflexão

1. O que entendo por liberdade interior?
2. Sou solidário em meu atuar?

Se desejar subscrever, comentar o texto ou dar seu testemunho escreva para: pn.reflexiones@gmail.com